

# Vacina para a ignorância

Chefe do Laboratório de Pesquisas em Virologia da Famerp, Maurício Nogueira, alerta para as consequências à saúde pública do movimento anti-vacina que ganhou voz nas redes sociais

por Harlen Félix

**A** frente do Laboratório de Pesquisas em Virologia, ligado ao Departamento de Doenças Dermatológicas, Infecciosas e Parasitárias da Famerp (Faculdade de Medicina de Rio Preto), o médico, professor e pesquisador Maurício Lacerda Nogueira acompanha importantes estudos em torno de doenças como dengue e zika.

A comprovação da eficácia da vacina contra dengue é uma das metas desse profissional, que se identificou com a área de virologia ainda na faculdade de Medicina, quando participou de pesquisas sobre herpes em pacientes com HIV na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ele também fez pós-doutorado no National Institute of Allergy and Infectious Diseases, nos Estados Unidos, de onde veio para assumir as pesquisas em virologia da Famerp há cerca de 15 anos.

Nesta entrevista, ele fala da importância de uma vacina para combater a ignorância que assola a sociedade. E ela se chama educação. “Nós estamos aqui anos e anos trabalhando numa vacina, gastando milhões de dólares, aí eu abro a internet e vejo alguém dizer que vacina faz mal para a saúde. Para isso, tolerância zero. Nós estamos tolerando a ignorância, e nós não podemos tolerar a ignorância”, critica.



Segundo Nogueira, o movimento contra vacinas, que ganhou voz nas redes sociais, está fazendo com que países desenvolvidos registrem epidemias de doenças praticamente superadas como sarampo.

**V&A - Conte-nos um pouco sobre sua trajetória até vir a Rio Preto, para atuar na Famerp?**

**Maurício Lacerda Nogueira** - Eu nasci aqui perto, em Jaboticabal. Meu pai é médico, e eu fui fazer Medicina em Belo Horizonte, me formando em 1995. Eu ainda fiz meu mestrado e doutorado em Belo Horizonte e fui para os Estados Unidos, fazer pós-doutorado no Instituto Nacional de Saúde. Foi quando surgiu a oportunidade de vir para cá, que foi até uma história meio engraçada. Na época, no começo dos anos 2000, havia um programa da Fapesp de diversidade genética de vírus. Era um programa grande, no qual Rio Preto foi selecionada para ser um dos centros, mas, na época, não tinha pessoal qualificado na área de virologia aqui. Havia necessidade de procurar alguém com qualificação em virologia, e eles queriam um médico. Na época, o diretor era o doutor José Victor Maniglia, que também, por coincidência, era chefe do meu irmão. Meu irmão era médico residente aqui, na área de otorrinolaringologia. Um dia, o doutor José Victor comen-